

Migração, Cidades e Fronteiras: a Migração Venezuelana nas Cidades Fronteiriças do Brasil e da Colômbia

Migration, Cities and Borders: Venezuelan Migration to Brazilian and Colombian Border Towns

Edgar Andrés Londoño Niñoⁱ

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, Brasil

Resumo: A crise política e econômica venezuelana tem tido vários efeitos regionais. Dentre eles, a expulsão de um grande número da população que, cada vez mais, atravessa as fronteiras em busca de melhores condições de vida nos países vizinhos. As fronteiras dos países vizinhos da Venezuela, como a Colômbia, o Brasil, e em menor medida a Guiana, concentram esses fluxos migratórios e seus efeitos, ultrapassando as capacidades locais para atender às demandas da população fronteiriça e da população migrante. De tal modo, este artigo tem como objetivo caracterizar a migração de venezuelanos nas fronteiras do Brasil e da Colômbia, assinalando as particularidades da fronteira de cada país e os problemas comuns dos migrantes que chegam às cidades fronteiriças. Evidencia-se uma predominância de uma ideia negativa das migrações e das fronteiras nas respostas dadas pelos Estados e pela sociedade nas cidades de fronteira que têm recebido os migrantes venezuelanos.

Palavras-chave: Migração Fronteiriça; Crise Venezuelana; Fronteira Brasil–Venezuela; Fronteira Colômbia–Venezuela.

Abstract: The political and economic crisis in Venezuela has provoked different regional effects, including the expulsion of a large part of the population from this country that increasingly crosses borders in order to seek better living conditions in neighboring countries. Countries that have common borders with Venezuela, like Colombia, Brazil and, to a lesser extent, Guyana, receive most of the migratory flows and their effects, which overwhelm local capacities to response to the migrant population's demands. In this regard, this paper has the aim of describing Venezuelan migration across Colombian and Brazilian borders, underlining the specificities of each case and the common problems of the people who arrive in border cities of both countries. The response of local government and civil society concerning migration into these territories is predominantly negative with regard to both the migration and the borders.

Keywords: frontier Migration; Political and Economic Crisis in Venezuela; the Brazilian–Venezuelan Border; the Colombian–Venezuelan Border.

ⁱ Instituto de Estudos Sociais e Políticos – IESP/UERJ. Bolsista do Programa Estudantes-Convênio de Pós-Graduação (PEC-PG) da CAPES/CNPq/MRE-Brasil. edandresl@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0002-1954-9197>

Introdução

Com a globalização, a ideia de um mundo sem fronteiras físicas e de livre mobilidade ganhou força. Mas contrário dessa concepção, como sublinha Castles (2010), a migração é um processo baseado na desigualdade e na discriminação e que continua sendo controlado e limitado pelos Estados. No mesmo sentido, como apontava Raffestin (1993), longe da ideia de um mundo que prescindia das fronteiras, é um fato que os limites territoriais seguem sendo reafirmados pelos Estados de diferentes formas, por exemplo, para conter e controlar os fluxos migratórios.

A fronteira evidencia a construção feita pelas populações que atribuem aos espaços ao redor dos limites internacionais diferentes significados sociais, culturais, políticos e econômicos. Assim, na região de fronteira, existem múltiplos fluxos populacionais e movimentos migratórios que fazem com que a diversidade e a complexidade da mobilidade humana sejam fundamentais na configuração desses territórios.

A partir da classificação de Marcano e Clifford, Rodrigues (2006) assinala que, na fronteira, se encontram os seguintes tipos de sujeitos: 1) os fronteiriços, nascidos na zona de fronteira; 2) os fronteiriços nacionais migrantes, que provêm de outras regiões do país; 3) os fronteiriços internacionais migrantes¹, ou seja, os estrangeiros; e 4) os viajantes, que transitam a fronteira diariamente por motivos laborais, de diversão ou de lazer. Precisamente, a crise venezuelana tem gerado o aumento de fronteiriços internacionais migrantes e também de viajantes nas cidades fronteiriças, o que também implica em transformações na cotidianidade dos fronteiriços e dos fronteiriços nacionais migrantes.

Desse modo, os indivíduos e grupos sociais, como os moradores e visitantes das cidades de fronteira, criam distintos tipos de relações com o espaço. Para Courgenau, a noção de “espaço de vida” ajuda a compreender os territórios onde os indivíduos efetuam suas atividades, incluindo “não somente os lugares de passagem e de estadia, mas também todos os outros lugares com os quais o indivíduo se relaciona” e responde a estas atividades na sua vida familiar, social, econômica e política (COURGENAU, 1988, p. 17, apud DE OLIVEIRA, 2017). Nesse sentido, pode-se afirmar que algumas fronteiras sul-americanas, especialmente na Colômbia e no Brasil, ainda sendo lugares de passagem e não necessariamente de residência, têm constituído o “espaço de vida” de vários venezuelanos que saíram de diferentes regiões de seu país pela crise econômica e política.

Cabe assinalar que as migrações intrarregionais na América do Sul eram quase exclusivamente laborais, exceto pela migração colombiana para a Venezuela e o Equador, causada principalmente pelo conflito armado e pelo narcotráfico (OIM, 2012). O fluxo migratório colombo-venezuelano, por sua vez, muda essa dinâmica, visto que a Venezuela passou a ser um país que expulsa sua população – pela crise econômica e política – enquanto a Colômbia passa a receber tais migrantes. Isso gera consequências nas relações sociais entre nacionais e estrangeiros e nos territórios onde chegam os migrantes.

O Brasil, por sua vez, mesmo com uma imagem de país de imigrantes, não tinha uma presença muito importante de venezuelanos no seu território. Na fronteira com a Venezuela era maior o número de brasileiros que ingressavam nesse país do que venezuelanos querendo entrar no Brasil.

Com a crise venezuelana que, segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR, 2018), tem gerado mais de 1,5 milhão de migrantes desde 2015, as migrações fronteiriças se intensificam e adquirem novas dimensões. Isto se deve não somente ao tamanho dos fluxos populacionais, mas também às transformações na vida da população das regiões de fronteira do Brasil e da Colômbia, assim como da população que emigra da Venezuela, utilizando cada vez mais o transporte terrestre para chegar às fronteiras, seja como lugar de passagem ou como lugar de destino. Além disso, especialmente na Zona de Fronteira entre a Colômbia e a Venezuela, existia uma economia interdependente, onde os efeitos econômicos da crise têm impactado diretamente as cidades fronteiriças.

É justamente o fato de ultrapassar as fronteiras de um Estado que faz com que um deslocamento de um indivíduo ou de um grupo social seja considerado como migração internacional. Assim, os migrantes constroem redes migratórias que ultrapassam as fronteiras, sendo cada vez mais intensas por causa dos avanços nos meios de transporte e das tecnologias (IMILAN et al., 2014). Essas redes de familiares e amigos atraem novos migrantes que, na maioria dos casos, repetem a rota de chegada a seu lugar de destino.

Desse modo, a crise venezuelana tem redimensionado as migrações fronteiriças na América do Sul, desbordando as capacidades de governos locais, ativando uma maior presença das instituições estatais nessas regiões, evidenciando problemas prévios à chegada de imigrantes em municípios fronteiriços e mudando a cotidianidade das populações de fronteira.

Este artigo tem como objetivo caracterizar como se apresenta a migração de venezuelanos nas regiões fronteiriças do Brasil e da Colômbia. Em primeiro lugar, será analisado o caso da fronteira entre a Venezuela e o Brasil, depois as particularidades do caso da fronteira com a Colômbia para, finalmente, fazer algumas considerações de elementos comuns presentes nos dois casos.

Para isso, além da consulta bibliográfica de artigos científicos e teses sobre as fronteiras estudadas e as migrações entre os países envolvidos, foi feita uma revisão documental, a partir de fontes de organizações públicas e internacionais, que permitisse caracterizar os fluxos migratórios nas regiões de fronteira. Igualmente, foi feita uma revisão da imprensa local (das cidades de fronteira), regional e nacional sobre os principais eventos relacionados com a chegada de migrantes venezuelanos.

A Fronteira com o Brasil

A fronteira entre Brasil e Venezuela é de 2.199 km, onde limitam os estados venezuelanos de Amazonas e Bolívar e os estados de Roraima e Amazonas, do lado brasileiro. Por se encontrarem na região amazônica, não existem muitos centros povoados na fronteira entre os dois países. Os fluxos de populações, bens e serviços se concentram, portanto, no município de Pacaraima, que faz fronteira com o município venezuelano de Santa Helena de Uairén, com uma distância de 20 km entre eles. Mas é especialmente na cidade de Boa Vista, capital de Roraima, a 200 km de Pacaraima, onde se concentra o maior número de migrantes venezuelanos.

Na Figura 1 localiza-se a fronteira entre os dois países com o ponto de ingresso ao país.

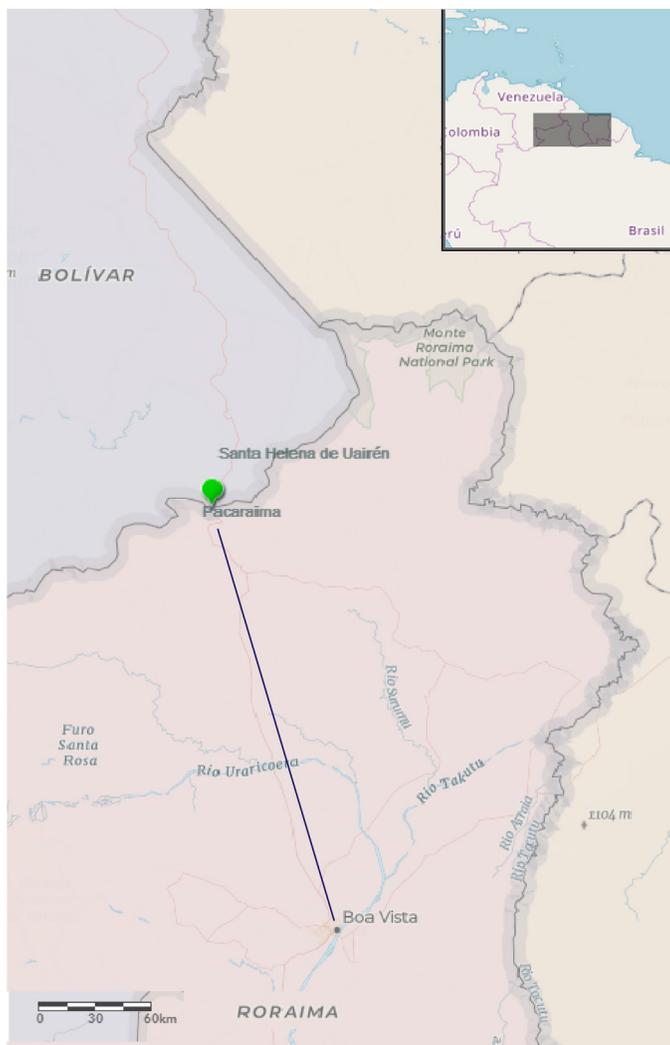


Figura 1 – Fronteira do Brasil com a Venezuela.
Fonte: Elaboração própria com ARCGIS.

A capital mais próxima de Boa Vista é Manaus, que fica a quase 800 km de distância, razão pela qual a emigração fronteiriça de brasileiros à Venezuela permitia uma ascensão social para o contingente de migrantes de outros estados brasileiros, dado que podiam vincular-se com atividades de mineração e exploração de petróleo (RODRIGUES, 2006). Assim, duas décadas atrás, eram os brasileiros que cruzavam a fronteira para adquirir bens, gasolina e outras mercadorias no lado venezuelano, mas também alguns migrantes brasileiros trabalhavam como garimpeiros ou em atividades relacionadas com a mineração (RODRIGUES, 2006).

Nesse sentido, durante muito tempo “O fluxo migratório de brasileiros e venezuelanos dirigidos à fronteira Brasil/Venezuela não possui, numericamente, os níveis das regiões mais atrativas dos dois países” (SANTOS, 2018). Porém, recentemente, essa fronteira tem recebido maior atenção por parte da opinião pública e da sociedade, pela intensidade do fluxo migratório em curto tempo. Assim, como aponta Santos (2018):

mesmo a emigração de brasileiros para Santa Elena de Uairén compreendendo um marco temporal de 37 anos, nesse período o número de brasileiros residentes na Venezuela corresponde a cerca de 15 mil (...) Ao contrário da atual imigração venezuelana nas cidades brasileiras de Pacaraima e Boa Vista, que já foi noticiada pela mídia televisiva e impressa de Roraima em 2017 com o número de aproximadamente 30 mil pessoas em menos de 2 anos, sendo que a maioria vive de forma irregular (p. 139).

De tal modo, as cidades fronteiriças passaram a receber um grande fluxo de população migrante devido à crise econômica e política, fazendo com que milhares de venezuelanos cheguem diariamente às cidades fronteiriças brasileiras a procura de acesso a serviços de saúde e educação (RODRIGUES, 2006) e de melhores condições de vida.

Com a crise venezuelana, intensificaram-se os fluxos migratórios, especialmente desde o ano 2015, em Pacaraima e Boa Vista, destinos antes pouco atrativos para os venezuelanos, especialmente pelas barreiras linguísticas e pelas poucas oportunidades de emprego do estado de Roraima.

De acordo com a Polícia Federal, foram registrados 22.247 pedidos de refúgio por parte de venezuelanos no ano de 2017 (MENDOÇA, 2018), sendo a maior parte deles feitos em Roraima. Por sua vez, a prefeitura de Boa Vista estima em 40.000 as entradas de venezuelanos, chegando a representar 10% da população da cidade aproximadamente.

Segundo a Casa Civil da Presidência da República, mais de 75.000 venezuelanos pediram para se regularizar nesse estado entre 2015 e agosto de 2018 (COSTA, 2018). Ainda, em relação à mesma fonte de dados, entre 2017 e 2018 entraram por Pacaraima 154.920 venezuelanos, dos quais saíram do Brasil 79.402 e não consta saída de 75.518 (Casa Civil, 2018). Desse modo, Pacaraima converte-se em um ponto de acesso para muitos migrantes e também em um lugar de refúgio enquanto continuam seu percurso até Boa Vista e outras cidades próximas, ou até voltar à Venezuela.

Cabe lembrar que Roraima é um estado que apresenta várias problemáticas econômicas e sociais como: pobreza, o menor Produto Interno Bruto do país, as maiores taxas de violência contra as mulheres, entre outros. Assim, dada a pouca indústria, Roraima sobrevive principalmente de recursos federais e de um setor primário incipiente (RODRIGUES, 2006). Vale destacar que a chegada de migrantes não cria esses problemas, como a falta de oportunidades, mas os faz mais evidentes pela maior demanda de serviços e bens.

Além das condições desvantajosas do estado de Roraima, outra limitação para a chegada de imigrantes era a linguística. Esta limitação refletia um peso na decisão de emigrar para o Brasil, visto que até mesmo atualmente, muitos dos venezuelanos em Roraima têm pouco conhecimento do português e alguns deles não estudam o idioma (SIMÕES et al., 2017).

Como aponta Rodrigues (2006), o trânsito de pessoas ilegais e sem documentos, dadas a facilidade de acesso via terrestre e a pouca fiscalização, tem estado presente nos fluxos migratórios em ambos os sentidos e foi justamente por isso que as medidas tomadas desde finais de 2017 pelo Governo Federal apontam a um maior controle no passo fronteiriço. Para o governo brasileiro, a fronteira com a Venezuela não era uma fronteira prioritária em termos de defesa nacional, dadas as poucas ameaças à segurança nacional e à soberania nessa região, pelo qual sua maior presença está sendo relativamente recente.

Segundo o Perfil Migratório de venezuelanos em Roraima (SIMÕES, 2017), os migrantes chegam em sua maioria de ônibus, levando em média de 1 a 2 dias para chegar a Pacaraima, onde ficam alguns dos migrantes, mas outros continuam seu percurso até a capital do estado. Inclusive, muitos dos migrantes vão a pé até Boa Vista, percorrendo 200 km de distância. Porém, em Boa Vista a situação em termos de acesso a moradia, emprego e serviços básicos é também limitada e os albergues não conseguem atender a alta demanda da população migrante. Por isso, e cada vez mais, alguns dos migrantes têm como objetivo chegar a cidades maiores como Manaus ou aguardam o plano de governo de interiorização a outros estados do Brasil.

Cabe destacar que Roraima, um dos estados com maior proporção de população indígena do Brasil, tem recebido desde 2014 indígenas venezuelanos especialmente da etnia Warao, alguns dos quais foram deportados por não ter documentos. Curiosamente, esse povo indígena não é um povo fronteiriço, pois se localiza no delta do Orinoco, abrangendo os estados Delta Amacuro, Monagas e Sucre, no nordeste da Venezuela. Assim sendo, os Warao fazem um longo êxodo de aproximadamente 925 km para chegar até a cidade de Boa Vista (SIMÕES et al., 2017). Essa população, especialmente, apresenta grandes desafios de integração social nos lugares de destino, pois a maioria mora nas ruas de cidades de Roraima.

Dada a evidente incapacidade de atender às necessidades da população migrante, que é cada vez maior, as demandas por parte das prefeituras e do governo estadual para o governo federal se intensificaram. Assim, tem sido declarada a situação de emergência de saúde de Boa Vista e Pacaraima (no ano de 2016) e, em fevereiro de 2018, a prefeitura de Boa Vista decretou a emergência social (G1RR, 2018). Isto demonstra como as fronteiras, por serem pontos de entrada da população migrante, ficam sobrecarregadas, ultrapassando as capacidades locais e sendo foco de tensões entre a população fronteiriça e fronteiriça internacional.

A resposta inicial de algumas autoridades foi a deportação, dada a predominante compreensão do migrante como problema. Assim, durante 2016, foram várias as deportações feitas em Roraima, mas diminuíram com a decisão judicial que impediu a deportação de 450 venezuelanos (G1 RR, 2016).

Quase dois anos após ser mais evidente que os governos locais não dariam conta da massiva chegada de venezuelanos, no final do ano 2017 e começo de 2018, o Governo Federal aumentou sua presença institucional e tomou algumas medidas para atender à população migrante. Porém, essas medidas foram acompanhadas do aumento dos controles fronteiriços, limitando o ingresso da população, e de presença das Forças Armadas na região.

Historicamente, a fronteira entre a Colômbia e a Venezuela tem sido uma das mais movimentadas da América do Sul (Figura 3). Por isso, os fluxos populacionais em ambos os sentidos têm estado presentes ao longo da história dos dois países. Para o ano 2013, a Venezuela era o segundo destino de colombianos no exterior (MIGRACIÓN COLOMBIA, 2018).

Do mesmo modo, essa fronteira tem sido cenário de tensões pela presença de grupos armados ilegais, do contrabando e do narcotráfico, assim como de eventos de militarização e conflitos diplomáticos entre os dois países. A esse respeito no marco da crise venezuelana, evidencia-se uma predominância da ideia de fronteira fechada e como área de defesa do Estado, especialmente por parte do governo venezuelano, o que se relaciona com a posição defensiva adotada pela política interna e externa do presidente Maduro. Assim, há vários casos recentes de incursão de militares da Venezuela em território colombiano (MEJÍA, 2017; RODRÍGUEZ, 2017).

Desde 2013, as tensões entre os dois países têm se intensificado, afetando as populações de fronteira. No ano de 2015, o governo venezuelano deportou inesperadamente mais de mil colombianos que moravam na Venezuela, o que gerou uma crise humanitária na cidade fronteiriça de Cúcuta, dada a massiva chegada de colombianos e venezuelanos (NACIONAL, 2015). Esta deportação massiva fez com que houvesse uma maior presença institucional na fronteira (de vários ministérios, da presidência e de outras entidades da administração pública), sendo o antecedente imediato de chegada massiva de contingentes migratórios na cidade de Cúcuta.

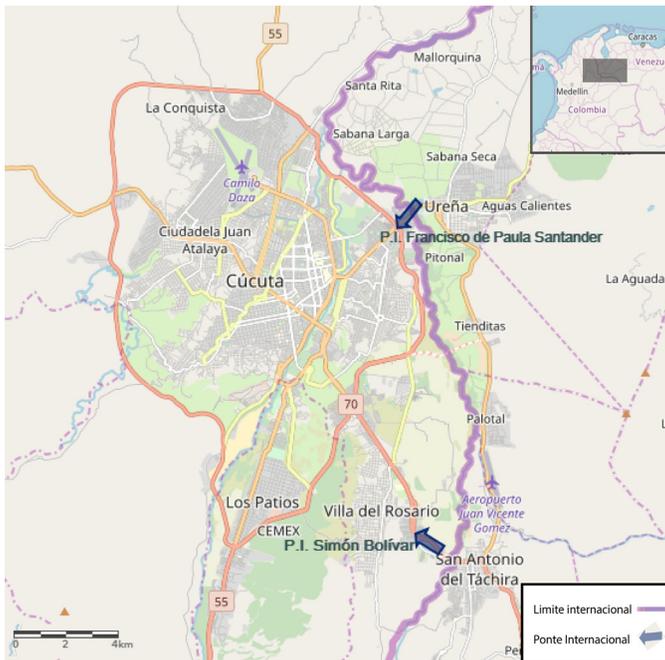


Figura 3 – Zona de Fronteira Internacional Colômbia e Venezuela.
Fonte: Elaboração própria com ARCGIS.

Migración Colombia, a entidade encarregada do controle da atividade migratória de colombianos e estrangeiros, em dezembro de 2017 assinalou que diariamente se apresentam 37.000 ingressos e 35.000 saídas nos pontos de ingresso fronteiriço (MIGRACIÓN COLOMBIA, 2017). Isto fez o governo colombiano afirmar que a maioria da migração que chegava ao país era pendular, contrário a dados e informações da mídia e de algumas organizações que alertavam a respeito do grande número de imigrantes. No entanto, cabe sublinhar que a entidade só contabiliza os ingressos legais com a carteira de mobilidade, mas que a longa fronteira tem vários pontos de acesso que fogem do controle das autoridades. Igualmente, cada vez mais aumentam os venezuelanos que não voltam a seu país, sendo cada vez maior a migração permanente.

Segundo a Organização Internacional de Migração (OIM, 2018), no começo de 2018, 40% dos fluxos corresponde a colombo-venezuelanos, 30% a colombianos e 30% a venezuelanos. Nesse sentido, além do retorno de colombianos, as redes de parentesco entre cidadãos dos dois países limítrofes fazem com que aumentem os fluxos migratórios.

Cúcuta recebe, por um lado, migrantes estacionários ou temporais que vão comprar alimentos, pois se mostram muito mais baratos na Colômbia, assim como vários medicamentos que têm pouca ou nenhuma oferta na Venezuela, sendo que a maioria desses migrantes ingressa à Colômbia e saem, inclusive, no mesmo dia. Por outro lado, encontram-se os migrantes permanentes que mudam seu lugar de residência a municípios fronteiriços como Cúcuta, pois é um lugar mais acessível não só pela proximidade geográfica, mas também porque muitos dos migrantes que ali se localizam têm poucos recursos econômicos para fazer uma viagem mais longa a cidades principais da Colômbia. Assim, pelo fato de ser uma cidade intermediária com uma atividade comercial intensa, Cúcuta oferece para muitos migrantes venezuelanos possibilidades de trabalho, particularmente informal.

Ainda assim, nas regiões de fronteira da Colômbia chegam muitos migrantes venezuelanos cujos destinos finais são Equador, Peru, Chile, Estados Unidos, Panamá, México, Espanha, Argentina, Brasil e Costa Rica (MIGRACIÓN COLOMBIA, 2017). Segundo Migración Colombia (2018), em 2018, mais de 600.000 migrantes venezuelanos utilizaram a Colômbia como país de trânsito para chegar a outros destinos.

Cúcuta, como principal ponto de entrada de venezuelanos, é uma das cidades com maiores taxas de desemprego na Colômbia e com deficiências no acesso a serviços de saúde e educação. Do mesmo modo, o departamento de La Guajira, o segundo mais pobre da Colômbia, recebe principalmente na cidade de Maicao grandes fluxos populacionais, entre eles de indígenas especialmente da etnia binacional wayuu.

De forma semelhante ao que acontece em Roraima, o prefeito de Cúcuta, na Colômbia, e de outras cidades próximas da fronteira, pediram para declarar o estado de emergência econômica e social na cidade (CARACOL CÚCUTA, 2018).

É preocupante a existência de migrantes irregulares que são vítimas de exploração laboral, pois alguns venezuelanos são contratados com baixos salários e sem as garantias laborais que a lei colombiana dispõe. Do mesmo modo, evidencia-se em Cúcuta um aumento da prostituição feminina, inclusive infantil. Além disso, alguns dos migrantes têm começado a fazer parte de grupos armados que atuam na fronteira, como o Exército

de Libertação Nacional (ELN) (JUDICIAL, 2018), o que evidencia a vulnerabilidade da população migrante e a necessidade de sua inclusão social no país de destino.

Os controles migratórios têm sido maiores desde a chegada dos venezuelanos. Igualmente, as deportações demonstram a visão negativa do migrante como fonte de problemas. Inclusive, a Colômbia deportou em janeiro de 2018, 900 venezuelanos que estavam em espaços públicos em Cúcuta e cujos acampamentos tinham sido atacados com bombas em dias prévios (EFE, 2018).

Questões Comuns

Apresentadas as principais particularidades que diferenciam a migração de venezuelanos na Colômbia e no Brasil, cabe sublinhar que em ambos os casos existem elementos comuns presentes nas cidades de fronteira do Brasil e da Colômbia, dadas suas limitadas capacidades de atender à própria população fronteiriça, aos visitantes e a uma população fronteiriça internacional ou estrangeira cada vez maior.

Em ambos os casos, pode-se evidenciar que as motivações para migrar são principalmente econômicas e políticas, mas nas cidades fronteiriças dos dois países se evidenciam vários casos de venezuelanos que procuram acesso a serviços como a saúde.

Há preocupação pela superlotação de moradias, escolas, hospitais, albergues e praças públicas nas fronteiras. Sem dúvida alguma, isso representa uma situação crítica para os migrantes, mas também pode ser fonte de conflito entre a população “nativa” e os migrantes.

As escolas de Pacaraima apresentam superlotação nas salas de aula, por isso as autoridades educativas têm pedido ajuda ao governo federal para evitar o colapso da rede municipal de educação (AGÊNCIA BRASIL, 2018). Ainda assim, segundo um relatório da Unicef e a OIM, dos venezuelanos entrevistados em Pacaraima e Boa Vista, 63,5% não ia na escola pela falta de vagas, pelas grandes distâncias, entre outros motivos (UNICEF; OIM, 2018).

Do lado colombiano, na cidade de Cúcuta, o número de matrículas de estudantes venezuelanos vem aumentando desde 2016. Segundo Rojas (2018), reitores e professores das escolas dessa cidade têm feito esforços para garantir o acesso das crianças e adolescentes venezuelanos, sendo o sistema educativo um dos setores que melhores respostas têm dado à crise migratória. Assim, as escolas têm se convertido em centros humanitários, porém se evidencia um alto número de trabalho infantil e, em alguns casos, muitos pais preferem não matricular seus filhos nas escolas, com medo de que, ao identificarem seus filhos, possam ser deportados (ROJAS, 2018).

Do mesmo modo, em Cúcuta, tem se apresentado casos de superlotação em moradias que tiveram operações policiais. Na cidade, tem se multiplicado os alugueis diários, chegando a morar 100 pessoas em uma mesma casa (CARACOL, 2018).

Devido à difícil situação da saúde na Venezuela, muitas pessoas atravessam a fronteira em procura de procedimentos médicos e medicamentos. É o caso de muitas mulheres grávidas que temem dar à luz nas condições dos hospitais venezuelanos. Isso faz com que em Cúcuta tenha aumentado o número de nascimentos de crianças com nacionalidade venezuelana, superando inclusive os nascimentos de colombianos (CASTILLO, 2018).

Muitas cidades fronteiriças, por serem regiões periféricas e com pouca presença institucional, apresentam deficiências no acesso a serviços básicos como a saúde ou a educação. Mesmo assim, para a maioria de migrantes venezuelanos, morar nessas cidades garante melhores oportunidades de ingresso e acesso a serviços básicos. São esses migrantes o grupo populacional mais vulnerável das cidades de fronteira devido a muitos deles não se encontrarem regularizados ou não terem acesso a direitos básicos como moradia, saúde, educação ou trabalho.

Um segundo elemento comum é a predominância de uma visão negativa da fronteira e das migrações, que se evidencia com o tratamento dado à chegada massiva de migrantes venezuelanos.

A porosidade das fronteiras é também vista como um problema pelos governos locais e o governo central. O Estado, neste sentido, perde especialmente sua função de controle que, na concepção de Raffestin (1993), busca a inspeção da circulação de homens, bens e informação, principalmente na fronteira da Venezuela com a Colômbia, onde existem muitos pontos de acesso não autorizados. A tradição de atribuir às fronteiras apenas valores negativos, como apontava Raffestin (1993), relaciona-se com o paradigma negativo das migrações que tem cobrado força e que se evidencia, no nível internacional, por exemplo, com a posição do presidente estadunidense Donald Trump sobre os migrantes latinos e com a posição de alguns países europeus perante a crise migratória da Síria.

Mesmo que existam avanços na política migratória, especialmente da Colômbia, e ações importantes para atender à população migrante, evidencia-se no tratamento dado no Brasil e na Colômbia a predominância de um entendimento fechado e defensivo de fronteira, assim como do migrante, considerado como fonte de problemas e demandante de políticas públicas. Especialmente no Brasil, evidencia-se uma presença predominante das forças armadas, não somente nos postos de controle fronteiriço, mas também nos acampamentos e centros de acolhimento de migrantes.

Apresentam-se alguns casos preocupantes de xenofobia nos dois países e que demonstram a existência de tensões e conflitos entre a denominada população nativa e a população migrante. No Brasil, se deram protestos contra a presença de venezuelanos, especialmente em Pacaraima e Boa Vista (BORGES; WLADIMILA, 2018) e inclusive ataques à população venezuelana como o incêndio a casas de migrantes em Boa Vista (FÉLIX, 2018).

Em agosto de 2018, cidadãos de Pacaraima colocaram fogo em pertences de migrantes venezuelanos e os expulsaram, obrigando-os a atravessar a fronteira. Desse modo, a violência nessa fronteira tem se aprofundado recentemente, enquanto a resposta do Governo Federal tem sido aumentar o número de militares na região (G1, 2018). Do mesmo modo, a governadora de Roraima tem insistido em fechar as fronteiras e devolver os migrantes venezuelanos a seu país.

Paralelamente, em Cúcuta, aconteceram também protestos contra a presença de migrantes em uma praça pública da cidade (BUCARAMANGA, 2018), assim como ataques a acampamentos de venezuelanos (EFE, 2018). Neste último caso, a resposta das autoridades colombianas foi a deportação dos venezuelanos afetados, o que evidencia a falta de garantia dos direitos da população migrante.

Nesse mesmo sentido, os migrantes venezuelanos que se encontram nas cidades fronteiriças do Brasil e da Colômbia, como acontece em outros casos de migrações no mundo, são acusados em ambos os países de problemas prévios, como: o desemprego, a delinquência e problemas relacionados à saúde pública, inclusive por parte de algumas autoridades públicas locais. Porém, mesmo que a chegada massiva de população possa tornar ainda mais evidentes essas problemáticas já existentes pela histórica falta de atenção estatal nas fronteiras, torna-se fundamental compreender que os governos locais não podem atender às demandas da população fronteiriça e da fronteiriça internacional que é cada vez maior, sendo necessários planos de médio e longo prazo por parte dos governos que visem à inclusão social e econômica da população imigrante.

Como terceiro elemento e relacionado ao anterior, cabe sublinhar que contrário ao entendimento dado por parte dos governos centrais e locais e de alguns grupos da sociedade, o problema não é a migração, mas sim as condições nas quais ela se apresenta, pelo qual o objetivo normativo não deveria ser reduzir o ingresso de migrantes, mas encontrar formas nas quais ela consiga se dar em condições de igualdade e respeito aos direitos humanos (CASTLES, 2010).

A exploração em vários sentidos, como a laboral e a sexual, tem se apresentado em ambos os países e, infelizmente, tem tido pouca atenção por parte dos governos. Igualmente, se mostra preocupante o tráfico ilegal de migrantes, que se apresenta de modo análogo ao caso da migração de latinos aos Estados Unidos, pois já existem redes ilegais dos denominados “coiotes” que transportam venezuelanos desde Cúcuta até Equador (La W, 2017) ou até Pacaraima desde o interior da Venezuela (DIÁRIO DO AMAZONAS, 2017).

Finalmente, é importante sublinhar que muitos cidadãos fronteiriços e organizações sociais da fronteira da Venezuela com o Brasil e a Colômbia têm se mobilizado para apoiar a população migrante, dando moradia, alimentação e assessoria de trâmites migratórios.

Conclusão

O fato de dois países terem uma fronteira comum possui implicações não só para os Estados e seus governos, mas também para as sociedades de lado a lado da linha limite. Na maioria dos casos, os efeitos sociais, econômicos e culturais da migração se concentram nas cidades de fronteira. Um caso emblemático que demonstra esses efeitos é a fronteira entre o México e os Estados Unidos, onde as migrações fronteiriças têm implicações em distintas dimensões domésticas e externas e em níveis políticos, geográficos, econômicos e sociais de ambos os países.

Os impactos regionais da crise venezuelana se relacionam diretamente com as cidades de fronteira que recebem um grande número de população migrante, apresentando-se transformações na cotidianidade dos cidadãos fronteiriços e a necessidade de intervenção pública não só dos governos locais, mas principalmente dos governos centrais, devido a que a migração venezuelana passou a ser um assunto nacional.

Mesmo que a dinâmica dos fluxos e o tamanho das fronteiras seja diferente nos dois casos aqui analisados, apresentam-se vários elementos em comum que destacam

a importância de compreender a migração venezuelana na América do Sul a partir das cidades de fronteira, que além de serem lugares transitórios para os migrantes, concentram os efeitos da massiva chegada de população migrante. Nesse sentido, como aponta Baeninger (2012), a importância de analisar o fenômeno migratório internacional reside hoje “mais em suas especificidades, em suas diferentes intensidades e espacialidades e em seus impactos diferenciados (particularmente ao nível local) do que no volume de imigrantes envolvidos nos deslocamentos populacionais”. Desse modo, mesmo sendo uma migração massiva, é fundamental para os estudos migratórios compreender os impactos locais gerados pela migração venezuelana nas cidades de fronteira.

Com a migração venezuelana dos últimos anos, percebe-se uma convivência mais intensa entre os fronteiriços – ou a população que mora nas cidades de fronteira faz vários anos – e os fronteiriços internacionais – ou migrantes, ou seja, os venezuelanos que atravessam as fronteiras fugindo da crise econômica e social.

Por outro lado, como anteriormente assinalado, o entendimento negativo e restrito a respeito das fronteiras, relaciona-se também com o entendimento negativo dado às migrações. De fato, quando as migrações são vistas como um problema, uma das primeiras soluções é aumentar os controles nas regiões de fronteira, como tem acontecido no Brasil e na Colômbia. Desse modo, os dois países ainda apresentam vários desafios em garantir os direitos da população migrante, especialmente nas cidades fronteiriças, onde se concentram não somente o maior número de população, mas também as ameaças contra a população migrante, colocando em risco a sua vida, sua integridade física e sua sobrevivência.

Neste texto foram apresentados alguns dos problemas vividos pelos migrantes venezuelanos como a superlotação em moradias, escolas e hospitais, a xenofobia e a falta de garantias para que os migrantes possam criar um “espaço de vida” adequado. Evidencia-se que as cidades fronteiriças e seus governos locais não estavam preparados para receber um fluxo tão grande de população em um tempo tão curto. Porém, a migração pode ter efeitos positivos a médio e longo prazo, depois de ter superado a xenofobia e as restrições colocadas para a inserção econômica e social dos migrantes.

Os migrantes podem fornecer capital humano e promover o crescimento econômico, quando são garantidas condições dignas de vida e sua inserção à sociedade. Por exemplo, alguns dos venezuelanos que chegam a cidades fronteiriças como Cúcuta, Pacaraima e Boa Vista, têm educação universitária, o que pode beneficiar a falta de profissionais em algumas áreas. A geração de empregos, o empreendedorismo em negócios, a diversificação no mercado e o pagamento de impostos são efeitos positivos decorrentes da migração venezuelana (LACHE, 2018).

Referências Bibliográficas

ACNUR – Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados. *Venezuela situation. Responding to the needs of the people displaced from Venezuela*. Supplementary Appeal, jan.-dez., 2018.

AGÊNCIA BRASIL. Escolas de Pacaraima têm superlotação com entrada de venezuelanos. Roraima, 22 ago. 2018. Disponível em: <<http://agenciabrasil.etc.com.br/educacao/noticia/2018-08/escolas-de-pacaraima-tem-superlotacao-com-entrada-de-venezuelanos>>. Acesso em: 29 out. 2018.

BAENINGER, R. O Brasil na rota das migrações latino-americanas. In: BAENINGER, R. (Org.). *Imigração boliviana no Brasil*, p. 9-18. Campinas: Núcleo de Estudos da População-Unicamp, 2012.

BORGES, R.; WLADIMILA, N. Às vésperas de interiorização, venezuelanos sofrem com hostilidades em RR. *Migra Mundo*. Disponível em: <<http://migramundo.com/as-vesperas-de-interiorizacao-venezuelanos-sofrem-com-hostilidades-em-rr/>>. Acesso em: 29 mar. 2018.

BUCARAMANGA. Piden desalojo de venezolanos que viven en canchas de Cúcuta. *El Tiempo*. Bucaramanga, 22 jan. 2018. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/colombia/otras-ciudades/manifestacion-por-presencia-de-venezolanos-en-canchas-de-cucuta-173870>>. Acesso em: 20 fev. 2018.

CARACOL. Grave hacinamiento hasta 100 venezolanos duermen en una misma casa. *Caracol Radio*. Cúcuta, 02 ago. 2018. Disponível em: <https://caracol.com.co/emisora/2018/08/02/cucuta/1533206099_423463.html>. Acesso em: 30 out. 2018.

CARACOL CÚCUTA. En Cúcuta se debe declarar crisis social por la migración de venezolanos. *Caracol Radio*. Cúcuta, 06 fev. 2018. Disponível em: <http://caracol.com.co/emisora/2018/02/06/cucuta/1517913299_671919.html>. Acesso em: 20 fev. 2018.

CASA CIVIL. Migração venezuelana em Roraima. Presidência da República, 2018. Disponível em: <<http://www.casacivil.gov.br/operacao-acolhida/documentos/policia-federal-fluxo-migratorio-05-09/@@download/file/PF.pdf>>. Acesso em: 01 nov. 2018.

CASTILLO, G. En Cúcuta ahora nacen más bebés venezolanos que colombianos. *El Tiempo*. Cúcuta, 18/ ago. 2018. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/colombia/otras-ciudades/en-cucuta-ahora-nacen-mas-bebes-venezolanos-que-colombianos-257574>>. Acesso em: 31 out. 2018.

CASTLES, S. Comprendiendo la migración global. *Revista de Relaciones Internacionales*, Madri, n. 14, p. 141-169, 2010.

CÚCUTA. Este año han sido destruidas 19 trochas en la frontera con Venezuela. *El Tiempo*. Cúcuta, 13 mar. 2018. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/colombia/otras-ciudades/este-ano-han-sido-destruidas-19-trochas-en-la-frontera-con-venezuela-193400>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

DE OLIVEIRA, J. R. *Migração e mobilidade na fronteira. Concentração de imigrantes internacionais e formação de espaços de vida na Amazônia brasileira*. 2017. Tese (Doutorado em Filosofia e Ciências Humanas) – Universidade de Campinas.

DIÁRIO DO AMAZONAS. Venezuelano diz que pagou R\$ 125 a “coiote” para entrar no Brasil. *El Espectador*. Roraima, 12 maio 2017. Disponível em: <<http://diariodoamazonas.com.br/cidades/venezuelano-diz-que-pagou-r-125-coiote-para-entrar-no-brasil/>>. Acesso em: 26 fev. 2018

EFE. Atacaron con bombas el campamento de venezolanos en Cúcuta. *El Nacional*. Cúcuta, 23 jan. 2018. Disponível em: <http://www.el-nacional.com/noticias/latinoamerica/atacaron-con-bombas-campamento-venezolanos-cucuta_220010>. Acesso em: 27 fev. 2018

FÉLIX, J. Ataques a casas de venezuelanos em Boa Vista foram feitos pela mesma pessoa, afirma polícia. Boa Vista, 09 fev. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/ataques-a-casas-de-venezuelanos-em-boa-vista-foram-feitos-pela-mesma-pessoa-afirma-policia.ghtml>>. Acesso em: 01 mar. 2018

G1RR. Venezuelanos atravessam a fronteira após ataques em RR; veja vídeo. *Globo Roraima*. Roraima, 18 ago. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2018/08/18/venezuelanos-atravesam-a-fronteira-apos-ataques-em-rr-veja-video.ghtml>>. Acesso em: 23 out. 2018.

G1RR. Prefeitura decreta emergência social em Boa Vista em razão da imigração de venezuelanos. *Globo Roraima*. Roraima, 23 fev. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/prefeitura-decreta-emergencia-social-em-boa-vista-em-razao-da-imigracao-de-venezuelanos.ghtml>>. Acesso em: 27 fev. 2018.

G1 RR. PF em RR interrompe deportação de venezuelanos após decisão judicial. *Globo Roraima*. Roraima, 10 dez. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2016/12/pf-em-rr-interrompe-deportacao-de-venezuelanos-apos-decisao-judicial.html>>. Acesso em: 04 jan. 2018.

IMILAN, W.; GARCÉS, A. Y; MARGARIT, D. (Orgs.). *Poblaciones en movimiento. Etnificación de la ciudad, redes e integración*. Santiago: Ediciones Alberto Hurtado, 2014. 282 p.

JUDICIAL. Ejército afirma que Eln está “utilizando” venezolanos en atentados. *El Espectador*. Bogotá, 12 fev. 2018. Disponível em: <<https://www.elespectador.com/noticias/judicial/ejercito-afirma-que-eln-esta-utilizando-venezolanos-en-atentados-articulo-738731>>. Acesso em: 04 jan. 2018.

LA W. “Coyotes” transportan a venezolanos desde Cúcuta hasta frontera con Ecuador. *W Radio*. Bogotá, 22 ago. 2017. Disponível em: <<http://www.wradio.com.co/noticias/>>

regionales/coyotes-transportan-a-venezolanos-desde-cucuta-hasta-frontera-con-ecua-
dor/20170822/nota/3555907.aspx>. Acesso em: 19 mar. 2018

LACHE, D. “Cada venezolano suma”. *El Espectador*, Bogotá, 30 ago. 2018. Disponível em: <<https://www.elespectador.com/noticias/el-mundo/cada-venezolano-suma-articulo-753100>>. Acesso em: 01 nov. 2018

MEJÍA, E. Incursión de militares venezolanos agudiza crisis en la frontera. *El Tiempo*, Bogotá, 28 ago. 2017. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/colombia/otras-ciudades/incursion-de-militares-venezolanos-genero-tesis-en-la-frontera-con-colombia-124288>>. Acesso em: 14 mar. 2018

MENDOÇA, H. Com 40.000 venezuelanos em Roraima, Brasil acorda para sua “crise de refugiados”. *El País*. Espanha, 18 fev. 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/16/politica/1518736071_492585.html>. Acesso em: 20 fev. 2018.

MIGRACIÓN COLOMBIA. *Radiografía de venezolanos en Colombia*, 2017.

NACIONAL. En 2015 han sido deportados 1.900 colombianos de Venezuela. *El Espectador*. Bogotá, 22 abr. 2015. Disponível em: <<https://www.elespectador.com/noticias/nacional/2015-han-sido-deportados-1900-colombianos-de-venezuela-articulo-556507>>. Acesso em: 23 mar. 2018.

OIM – Organização Internacional de Migração. Perfil Migratório. República Bolivariana de Venezuela, 2018.

OIM – Organização Internacional de Migração. Perfil migratório. Oficina Colombia, 2012.

RAFFESTIN, C. *Por uma Geografia do Poder*. São Paulo: Ática, 1993. 269 p.

REDACCIÓN POLÍTICA. Gobernadores de zonas de frontera con Venezuela denuncian acciones violentas del vecino país. *El Espectador*. Bogotá, 27 ago. 2017. Disponível em: <<https://www.elespectador.com/noticias/politica/gobernadores-de-zonas-de-frontera-con-venezuela-denuncian-acciones-violentas-del-vecino-pais-articulo-710216>>. Acesso em: 02 mar. 2018.

RODRIGUES, F. Migração transfronteiriça na Venezuela. *Estudos Avançados*, São Paulo, n. 57, p.197-207, 2006.

RODRÍGUEZ, K. Gobierno confirma incursión de militares venezolanos a Colombia. *El Espectador*. Bogotá, 21 nov. /2017. Disponível em: <<https://www.elespectador.com/noticias/nacional/gobierno-confirma-incursion-de-militares-venezolanos-colombia-articulo-724353>>. Acesso em: 07 mar. 2018.

SIMÕES, G (Org.). Perfil sócio-demográfico e laboral da imigração venezuelana no Brasil. Curitiba: Editora CRV, 2017. 112 p.

UNICEF, OIM. UNICEF y OIM presentan los desafíos vivenciados por niños, niñas y adolescentes venezolanos que llegan a Brasil. 03 out. 2018. Disponível em: <<https://robuenosaires.iom.int/news/unicef-y-oim-presentan-los-desaf-os-vivenciados-por-ni-os-ni-y-adolescentes-venezolanos-que>>. Acesso em: 31 out. 2018.

Recebido em: 26/10/2019 Aceito em: 01/01/2020

¹ Esta categoria, proposta por Clifford, se mostra interessante porque evidencia como a população estrangeira que chega na fronteira passa a ser parte das dinâmicas próprias dessas regiões.